

PEDRO JUAN GUTIÉRREZ: ERÓTICO OU PORNOGRÁFICO?

Sabrina dos Santos Garcia¹
Adriana de Borges²

RESUMO: A linha tênue entre erotismo e pornografia quase sempre foi um elemento de dúvida na classificação de produções artísticas que utilizam o sexo em sua temática. O limite fronteiro entre estes dois conceitos muitas vezes acaba por trazer definições ou explicações normativas em relação a determinados autores ou determinadas obras que exploram a sexualidade. A partir do conto *Sabor a mí* de Pedro Juan Gutiérrez, será analisado se os domínios referentes ao erótico e ao pornográfico poderão ser encontrados em um mesmo autor. Serão utilizados para estes estudos, principalmente, *O prazer do texto* de Roland Barthes, e as análises feitas por Lúcia Castello Branco e Eliene Moraes sobre erotismo e pornografia, respectivamente.

PALAVRAS CHAVE: Conto; Erotismo; Pornografia; Gutiérrez.

1. INTRODUÇÃO

Pedro Juan Gutiérrez é considerado um dos maiores nomes da literatura hispano-americana da contemporaneidade. Sua obra foi traduzida para mais de quinze idiomas. Foi comparado aos escritores norte-americanos Charles Bukowski e Henry Miller. Contudo suas obras vivem exiladas de seu próprio país, Cuba. Gutiérrez exerceu as mais variadas profissões: professor universitário (é licenciado em jornalismo pela Universidade de La Habana), além de escultor, pintor, radialista, dentre outros ofícios. Hoje se dedica à pintura e à literatura.

Gutiérrez passou muitos anos de sua vida preparando-se para ser um escritor. A publicação do seu primeiro livro foi tardia, aos 44 anos, sendo que o prosador e poeta tem hoje 56. Dentre suas principais obras têm-se *O rei de Havana*, *Animal Tropical*, *O insaciável homem aranha*, além de sua obra de maior expressividade: *Trilogia Suja de Havana*, que lhe concedeu reconhecimento no cenário literário internacional, inclusive na Espanha. Neste artigo serão discutidos alguns aspectos que explicitam a linha tênue entre erotismo e pornografia, a partir do conto *Sabor a mí*, presente no *Trilogia Suja de Havana*, referida obra mestra, pontuando alguns aspectos encontrados nos meandros de um texto considerado erótico, tentando analisar se em um único autor podemos perceber os domínios referentes aos dois conceitos que ora convergem, ora se afastam. Para isto, serão discutidas algumas definições do que é erótico e do que é pornográfico.

2. O TEXTO DITO ERÓTICO

Em seu livro, *Erotismo e literatura*, Antônio Durigan abre uma discussão sobre a definição de um texto dito erótico e sua recepção. O autor afirma que essa discussão é difícil,

¹ Aluna de Graduação do Curso de Letras, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. sabrinagarcia@oi.com.br.

² Orientadora, Professora, Mestre, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. deborges@hotmail.com.

pois para ele, o leitor desta temática textual quando questionado a conceituar esta assumiria duas posturas principais: a primeira tomada a partir de impressões apressadas, e não raras vezes equivocadas ; e a segunda seria optar pela fuga, postergando o assunto, afim de retomá-lo no momento que lhe for mais conveniente (DURIGAN, 1985, P.5). Acredita-se também que definir o que é erótico em literatura seja uma tarefa árdua, pois isso dependeria das características culturais de cada grupo social e do momento histórico em que foram contextualizadas.

Em *O que é erotismo*, Lúcia Castello Branco, afirma que a

“comunicação que se estabelece entre a obra de arte e o leitor / espectador é nitidamente erótica. O prazer diante de uma obra de arte não é, em primeira instância, intelectual, racional, embora a razão possa interferir através do julgamento de valor, apreciações críticas que todo leitor / espectador termina por fazer” (1984).

Para ela este primeiro contato é realizado de forma “sensual” (1984, p.12), e para contribuir com a elucidação desta visão de relação com a arte tomaremos a definição a partir do étimo referente à palavra “sensual”, que a princípio, diz respeito aos sentidos. Entende-se, então, que seria a busca primeira sentir a arte, neste caso o texto literário dito erótico. Para a autora seria, então, aquilo que nos “agrada” ou não, que nos “toca”, nos “conecta” ou nos é “indiferente” (1984, p.12).

Outra questão que ficou como pensamento arraigado sobre o texto erótico é de que este representaria a sexualidade de forma implícita. Para Duringan, isso foi conseqüente da “relação entre a prefixação de espaços para representação sexual e o comportamento menos ambíguo da metalinguagem que obrigou o erótico a refugiar-se no domínio do implícito, do não-dito, das entrelinhas, do sussurro, que com o tempo passaram a ser aceitos quase como características absolutas” (1985,p.15).

Entende-se que tomar conceituações deste tipo como absolutas acaba-se por restringir os limites pertencentes ao erotismo, e por conseqüência, os do texto erótico. Vemos também, que, desta forma o erotismo “como fenômeno originário de impulsos sexuais, terminaria por se desvincular de tais impulsos e existe precisamente onde o sexo não está ou ao menos onde ele é ‘implícito’” (BRANCO, 1984, p.19).

3. O CONTO

Sabor a mi se passa na cidade de Havana dos anos 90, e seu título faz referencia a um bolero com o mesmo nome. Narra as vivências do herói Pedro Juan juntamente com seus vizinhos. A trama parte da tentativa de Pedro em conseguir seduzir e manter relações sexuais com uma de suas vizinhas, uma negra bonita e sensual, que lhe desperta muita libido, contudo ela é casada. Narra também a busca por parte da personagem por um novo emprego. A partir dessa dupla “jornada” de conquistas, o conto permite passear um pouco pelas ruas da capital cubana, mais descuidadas, entregues à destruição, à pobreza e à sujeira. É justamente num ambiente com quase nenhuma assepsia, ao som do bolero e dos toques de tambor, bons goles de rum, e claro, sexo sem pudores, que se pode “saborear” uma narrativa forte, interessante, divertida e quente como os trópicos.

4. SABOR A MÍ: O CORPO COMO LUGAR ERÓTICO

Sabor a mí é uma narrativa marcada também pela representação do erotismo e pela exposição do corpo como lugar erótico. As personagens femininas, principalmente, servirão para exemplificar a afirmação acima através de seus corpos bem torneados, de sua forma de andar, de falar e de se vestir. A própria introdução desse conto e sua descrição minuciosa e sensual servirão como uma síntese dessa exemplificação: “A visão da luxúria e do pecado, muito cedo, é esta mulata com seus belos peitos redondos e uns bicos eretos e duros. Com uma blusa elástica de algodão amarelo, justa e curta, mostrando a barriga e o umbigo” (GUTIÉRREZ, 1999, p.263).

Percebe-se nesta passagem que a sensualidade feminina é narrada não somente através do seu corpo bem esculpido, mas sim por meio das vestes que usa, despertando em seu espectador o desejo sobre aquilo que não está totalmente à mostra, e sim sugerido.

Barthes, em *O prazer do texto*, abrirá uma pequena discussão sobre o erotismo a partir da dicotomia esconder / mostrar, que ajudará não só com a passagem acima citada, mas o próprio desenrolar da narrativa, quando diz:

“O lugar mais erótico de um corpo não é lá onde o vestiário se entreabre? Na perversão [...] não há ‘zona erógena’ [...], é a intermitência, como disse muito bem a psicanálise, que é o erótico: a pele que cintila entre duas peças (as calças e a malha), entre duas bordas (a camisa entre, a luva e a manga); é essa cintilação mesma que seduz ou ainda a encenação de um aparecimento – desaparecimento (2004 p. 15-16)”.

Ainda, nesta mesma passagem, pode ser percebido um outro aspecto, pois ao afirmar que a mulata era uma “*visão da luxúria e do pecado*”, o narrador reforça essa idéia de pecado na ênfase dada a partir da escolha desses dois substantivos, já que a palavra luxúria já faz parte de um conjunto de pecados, os sete capitais. Gutiérrez nos dá pelo menos duas possíveis opções, dentre outras, de leitura: a primeira mais imediata, e por conseqüência mais ingênua, que o corpo bem delineado da personagem, juntamente com sua indumentária, formariam um conjunto obsceno ou provocativo demais para ser visto logo pela manhã, perpetuando assim o mito de Eva: aquela que propagou o pecado e ainda fez com que o homem, por sua vez, também pecasse; a segunda, mais coerente com a temática gutierriana, na qual o narrador desloca o pecado do seu lugar comum (referente às atitudes que, de certa forma, romperam com certas normas religiosas e morais), colocando-o como mais um elemento pertencente a esta “passagem erótica”. Se for considerado pecado, conseqüentemente é proibido. Algo que é vetado não poderá ser mostrado de forma imediata e /ou explícita, terá que ser desnudado aos poucos. Além disso, Gutiérrez, bem ao seu estilo, mostra de forma irônica como os valores morais e religiosos ainda estão enraizados em nós, membros de uma sociedade contemporânea.

A busca por um novo emprego, por parte do herói da trama, ilustra o que Roland Barthes completou em seu discurso no já citado livro:

“Não se trata do ‘prazer strip-tease’ corporal ou do suspense narrativo. Em ambos casos, não há rasgão, não há margens; há uma revelação progressiva:

toda excitação se refugia na ‘esperança’ de ver o sexo (sonho colegial) ou de conhecer o fim da história (satisfação romanesca) (BARTHES, 2004,p.19)”.

É justamente este duplo “jogo erótico” que nos guiará em nossas análises sobre o que estaria por trás dos domínios de Eros no conto. Enquanto a personagem principal focaliza suas atenções na conquista da mulher desejada, na “esperança” (podemos ler esta palavra como desejo) de manter com este contato carnal, a fim de descobrir aquilo que a princípio está apenas sugerido através da roupa. Já nós, leitores, participamos ativamente dessa revelação quando nos deixamos seduzir pelo desejo da personagem, vivenciando assim sua própria excitação; e na expectativa de descobrir o desfecho da narrativa, que colabora com o cenário erótico, por meio de um fluxo dinâmico, ficcionalizando muitos elementos da realidade, principalmente aqueles relacionados à sexualidade.

5. PORNOGRAFIA

Segundo Eliane Moraes, uma das razões que sugerem “a existência negativa da pornografia é a própria relatividade deste conceito. Sabe-se muito bem que aquilo que uns consideram pornográfico, não o é para outros, e aí pesam não só as diferenças históricas, étnicas, ou culturais, mas também as subjetivas individuais. (1984,p.10)”. Contudo, ficou arraigado no pensamento de nossa sociedade que à pornografia restam o obsceno, o vulgar, o menos nobre, o não erudito, o corpo nu, o sexo explícito. Vê-se, então, que buscar uma definição para o termo ou enquadrar uma obra como pornográfica ou não depende de uma gama de critérios. Para exemplificar este ponto tem-se o poeta barroco Gregório de Matos, que, hoje considerado um cânone da literatura brasileira, em seu século teve suas obras consideradas obscenas e proibidas sumariamente.

Sabe-se das dificuldades de definir o termo, contudo, também compreende-se que existe um lugar ocupado pela pornografia. Ainda, para a autora de *O que é pornografia*:

“ela [a pornografia] está num determinado lugar de onde fala, anunciando sempre simultaneamente, a sua presença e sua ausência. Porque talvez a única forma de definirmos pornografia seja dizendo que ela é um ponto de vista, não um ponto fixo, mas tão móvel que sugere a todo instante verdadeiras ilusões de ópticas. [...] Por isso mesmo, falar de pornografia é falar de sua contrapartida, oposta e inseparável, a censura. (1984,p.12)”

Encontra-se aqui outra discussão: pornografia *versus* censura. Eficaz instrumento cerceador das sociedades, a censura representa a defesa da moral e dos bons costumes, principalmente nas cristãs, ou em Estados de governo ditatoriais, como Cuba. Lemos, desta forma, que “a moral não é então [...] apenas uma lei dos costumes, mas sim uma imposição autoritária de rígidas formas de comportamento” (MORAES, 1984, p.45). Este instrumento de controle tende a preservar os interesses de determinados grupos sociais, obviamente os das camadas privilegiadas.

Essas medidas de repressão servem para castrar o pensamento crítico dos indivíduos, que se tornam mais submissos dentro das sociedades nas quais estão inseridos, de modo que a moral e os bons costumes são interiorizados por estes como algo natural.

Depois desta breve explanação acerca da pornografia, se tentará traçar alguns aspectos pertencentes a este domínio, contrapondo-o e ao mesmo tempo unindo ao conceito de erotismo.

6. O ERÓTICO E O PORNOGRÁFICO: PODERÃO OS DOIS ESTAR PRESENTES NA OBRA DE GUTIÉRREZ?

Discutiu-se neste artigo que muitas vezes o erotismo é interpretado sob as vestes do implícito. Viu-se em *Sabor a mí* que o jogo erótico da sugestão levaria a uma “revelação progressiva”. Mas e quando as coisas são ditas? Quando o sexo é representado de forma clara e se faz presente na obra? A Narrativa gutierriana é permeada, como já foi dito, por uma temática sexual sem maquiagens, e despida de pudores. Ainda fez parte da nossa discussão a carga pejorativa atribuída à pornografia, sendo esta conceituada, muitas vezes, a partir de critérios normativos.

Se for tomada somente a oposição implícito / explícito para analisar obras que utilizam o sexo e suas ramificações em sua temática, conceituar-se-ia, de pronto, boa parte das produções artísticas como pornográficas. Neste conto as manifestações sexuais são representadas como algo corriqueiro na vida do ser humano. Como definir então esta obra escrita numa linguagem coloquial, que conta com palavrões e termos de baixo calão? Geralmente essa linguagem vulgar é sempre atrelada às obras consideradas obscenas, e conseqüentemente pornográficas. Nesta outra passagem da narrativa: “Fiquei um instante atrás dela cheirando. Fazia muito calor e ela suave. Tinha um levíssimo cheiro de suor. Imediatamente começou a subir o meu pau. Sozinho. Só de cheirá-la me excitei” (GUTIÉRREZ, 1999, p.272). Percebe-se nesta passagem uma manifestação sexual explícita presente na expressão “meu pau subiu”. Um trecho com este serve para ilustrar a linha tênue entre erotismo e pornografia.

Seria *Sabor a mí* uma narrativa pornográfica? Ou ainda Gutiérrez um escritor pornográfico? Estas respostas, à semelhança da conceituação do termo em questão (pornografia) são muito difíceis de serem dadas. No entanto, pode-se tomar como orientação a análise feita por Lúcia Castello Branco, o que ajudaria a estabelecer uma diferenciação do conteúdo pornográfico do erótico, apresentando uma nomenclatura que pelo menos sirva de orientação pelo caminho em busca das respostas. A citada autora apresenta em seu livro *O que é erotismo* um afastamento de determinados autores que utilizam sexo de maneira explícita, termos “chulos”, “palavrões” em suas produções literárias da pornografia como tal entende-se hoje. Para ela, a pornografia, como é concebida atualmente, produto de uma indústria cultural de massa (a exemplo das revistas e filmes pornográficos) propagaria determinadas ideologias que de certa forma são compactuadas pelo espectador/ leitor. O principal discurso ideológico disseminado por meio destas produções, para Lúcia Castello, seria a falocracia. Segundo ela, boa parte dessas revistas e filmes reforçam a ideologia do macho sobre a fêmea, através do falo sempre potente do homem, que lhe garante múltiplos gozos sexuais sobre a mulher encontrada na maioria das vezes na posição de submissa.

Em oposição a este discurso falocrático, temos autores como o poeta renascentista Aretino, que questionou a moral, a cultura e as ideologias dominantes de sua época que diziam respeito à força dos domínios masculinos (BRANCO, 1984, P.60). O poeta tecia estes questionamentos através de uma linguagem sarcástica, irônica, e permeada de termos de baixo calão. No verso de um de seus poemas, Aretino fala do tamanho não tão avantajado do seu órgão sexual, quando ele diz “ter pouco caralho me deprime” (ARETINO, apud, CASTELLO, 1984, p. 60). Em Elixir do pajé de Bernardo Guimarães, o sujeito poético trava um discurso com seu

pênis, questionando-o por sua falta de potência, no decorrer do poema o eu lírico sai à procura de um elemento exterior (que seria um elixir indígena) para devolver ao seu falo a força perdida. Pode-se ver que Bernardo Guimarães contestou os valores falocráticos da sociedade machista e patriarcal brasileira e burguesa do século XIX.

A semelhança desses escritores “erótico-sarcásticos”, se assim podem ser nomeados, Pedro Juan Gutiérrez é considerado por alguns críticos como “desbocado” e “escrachado”. Gutiérrez se utiliza da ironia e do sarcasmo, além dos palavrões em sua literatura. Não se pode pensar pela passagem citada acima que na obra de Gutiérrez são perpetuados os valores exclusivistas da sexualidade masculina, pois no conto às mulheres é concedido o direito de serem donas de sua sexualidade, a sentirem gozo sexual múltiplo e até de não ceder às investidas “amorosas” do sexo oposto. É possível ler na narrativa gutierreziana a denúncia social, pois suas personagens são encontradas numa cidade entregue à destruição, à sujeira, ao contrabando, que é a Havana dos anos 90. Desta forma, podemos, talvez, utilizar a terminologia que Lucia Castello propõe para o tipo de literatura produzida por estes escritores “erografia” (1984, p.57), que seria dizer que estes trilham pelos caminhos de Eros e seus domínios.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eros, deus do amor na mitologia greco-romana, foi cultuado e representado das mais variadas formas. Seus domínios sempre foram objeto de estudo e reflexão desde o filósofo clássico Platão em sua obra intitulada *O Banquete*, até os estudiosos mais contemporâneos das mais variadas áreas das Ciências Humanas.

Sabe-se que trilhar por seus caminhos não é uma tarefa fácil. Não se teve, em momento algum, a pretensão de fechar conceitos, muito menos apontá-los como mais ou menos adequados. É relevante ser esclarecido que este trabalho de pesquisa está em fase inicial, por este motivo resumiu-se a apontar alguns aspectos sobre o erotismo e a pornografia que poderão estar relacionados com a obra de Pedro Juan Gutiérrez. Estes estudos não pretendem cerrar-se apenas na perspectiva literária, mas sim, apontar alguns aspectos sociais que não podem ser desvinculados da obra estudada, pois partiu-se do pensamento de que uma obra literária é produzida em um determinado contexto histórico- social, em um determinado lugar, e a partir de determinadas ideologias.

Crê-se ainda que trabalhos dessa natureza contribuam para divulgar no Brasil um pouco do que há de melhor da literatura hispano-americana produzida na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *Sabor a mi*. In: ____ Trilogia Suja de Havana. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.p.263-276.

MORAES, Eliane, LOPEIZ, Sandra M. *O que é pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SILVEIRA BUENO, Francisco. Grande dicionário *etimológico-prosódico da língua portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1966.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DURINGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1985.